

SESSÃO 8 – 1º DE ABRIL

Tema: *Vida e obra de Mattoso Câmara Jr.*

Coordenador: Evanildo Bechara (LLP / ABL / UERJ / UFF)

LEMBRANÇAS DO CONVÍVIO COM O PROF. MATOSO CÂMARA

Maximiano de Carvalho e Silva
(LLP/UFF)

1. Primeiras lembranças

Nesta sessão de encerramento do I Colóquio Internacional “A Língua Portuguesa no Mundo da Lusofonia” comemorativa do centenário de nascimento do Professor Joaquim Matoso Câmara Júnior, quero registrar num singelo depoimento o privilégio que tive de conhecer pessoalmente em 1948 essa grande figura do magistério brasileiro, de me ter tornado seu discípulo e de daí por diante, até o ano de 1970, ter tido muitas oportunidades de estar com ele, em seu ambiente de trabalho e até mesmo algumas vezes em sua casa, onde de forma tão simples e acolhedora sabia receber os amigos e admiradores do imenso trabalho que realizou no campo das ciências da linguagem.

Já formado no Curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, obtive autorização para ser aluno-ouvinte das aulas de Matoso Câmara uma pequena turma de dois alunos regulares apenas, do Curso de Letras Clássicas, naquele exato momento que assinalava o retorno do grande lingüista e filólogo ao ensino universitário, continuando em sua trajetória de pioneiro no trabalho de apresentar e difundir no Brasil os fundamentos da teoria da linguagem e a aplicação dos mesmos aos estudos superiores da língua portuguesa.

Em meu depoimento apontarei ainda como uma das características marcantes da atuação magisterial de Matoso Câmara a sua preocupação de acompanhar e incentivar o progresso dos seus antigos alunos, alguns dos quais, trabalhando com ele mais de perto, puderam mais tarde testemunhar o que foram as suas modelares atividades docentes e as atividades que desenvolveu incan-

savelmente de pesquisador e divulgador não apenas dos seus próprios estudos de lingüística geral e de língua portuguesa, mas também dos estudos mais importantes realizados no país e no estrangeiro.

2. Os discípulos de Matoso Câmara na FNF

Continuando a freqüentar a Faculdade após a minha formatura em dezembro de 1947, para não perder o contato com mestres e professores da minha particular estima, soube da inclusão da disciplina de Lingüística Geral no curso de Letras Clássicas pelo meu contemporâneo de estudos e colega em algumas disciplinas Rosalvo do Valle, que ainda não completara o seu curso de graduação.

Na minha ignorância do alcance da iniciativa de fazer retornar a Lingüística ao ensino universitário, fui então procurar o Professor Sousa da Silveira, para saber dele se o estudo dessa ciência me seria de maior utilidade. Não ouvi apenas uma resposta afirmativa, mas uma resposta enfaticamente afirmativa, com informação adicional referente ao valor do Professor Matoso Câmara que muito tocou a minha sensibilidade.

Incentivado pelas palavras de quem sabia com rara percepção reconhecer os verdadeiros valores, fui procurar o novo professor, e dele obtive autorização para assistir como ouvinte às suas aulas.

Foi assim que tive ensejo de ouvir durante o ano de 1948, na companhia dos dois alunos regulares somente – Rosalvo do Valle e Solange Pereira de Vasconcelos¹ – as preleções com que Matoso Câmara acrescentou à sua vida profissional uma etapa mais avançada de divulgação das idéias e dos grandes nomes da Lingüística Geral.

Levado pelas múltiplas referências de Mattoso à obra de Ferdinand de Saussure, conheci os pontos principais do pensamento e da doutrina saussuriana, cuidando logo de adquirir um exemplar daquela edição do *Cours de Linguistique Générale* em tradução espanhola lançada no final do ano de 1945 em Buenos Aires.²

Possuindo também a primeira edição de *Princípios de Lingüística Geral Como Fundamento Para os Estudos Superiores da Língua Portuque-*

¹ Solange, brilhante aluna de Letras Clássicas, alguns anos depois de formada ingressou na vida religiosa, com o nome de D. Teresa, no mosteiro das monjas beneditinas, em Belo Horizonte, a que prestaria relevantes serviços como tradutora e intérprete de textos religiosos, afeita desde os tempos da Faculdade ao trato com as línguas e com as culturas grega e latina.

² Ferdinand de Saussure, *Curso de Lingüística General* – Publicado por Charles Bally y Albert Sechehaye con la colaboración de Albert Riedlinger. Traducción, prólogo y notas de Amado Alonso. Buenos Aires, Editorial Losada, 1945.

sa³, publicado em 1941, pude acompanhar as preleções de Mattoso Câmara com verdadeiro encantamento. De alguns pontos guardei mais viva lembrança.

Numa aula inicial, ele tratou de um assunto que foi sempre objeto de muitas especulações entre os estudiosos da matéria – a origem da linguagem humana – para situá-lo fora do campo de investigações da lingüística propriamente dita.

As lições sucessivas fizeram os três alunos daquela turma entender e assimilar conceitos e termos novos, como as hoje tão conhecidas noções de língua e discurso, estudos sincrônicos e diacrônicos, arbitrariedade do sinal lingüístico e muitas outras mais.

Lembro-me de uma aula em que ele nos falou dos progressos da Lingüística nos Estados Unidos, dando notícia dos encontros que tivera com grandes figuras de quem nós alunos quase nada sabíamos até então, como Roman Jakobson e Edward Sapir, e ensinando-nos a valorizar a obra de cada um deles. Estava assim Mattoso no desempenho de uma das mais nobres tarefas do seu magistério: a de difundir com seriedade e clareza o pensamento de pioneiros de diversos campos de investigação lingüística e de ciências afins, como por exemplo a Etnologia. Foi através desta e de outras aulas que tivemos o alerta para não nos cingirmos ao estudo de uma ciência isoladamente.

3. Benefícios principais

Tendo-se infiltrado em meu espírito no curso secundário inúmeros preconceitos dominantes no ensino gramatical e literário, sobre os quais Sousa da Silveira não tivera oportunidade de falar nas suas lições de Filologia e Lingüística Portuguesa, foram para mim de extraordinária importância as aulas em que Matoso Câmara tratou do verdadeiro conceito de evolução lingüística e do empréstimo e sua amplitude. Acostumado às campanhas puristas de condenação aos estrangeirismos de modo geral – mormente os galicismos e anglicismos, apontados como vícios de linguagem insanáveis, – adquirir então com a explanação de Matoso sobre os empréstimos como decorrência natural dos intercâmbios culturais a visão nova que afastaria do meu espírito os velhos preconceitos alimentados pela desorientação que campeava no ensino da língua.

Ficaram nítidos, pelas explicações que deu a respeito de cada um deles, os termos que usava durante essas preleções, muitos dos quais por ele introduzidos na nomenclatura gramatical brasileira, como por exemplo *fonêmica*. O Mestre ainda hesitava entre duas formas novas para distinguir de *fonética* ou *fonologia*, palavras marcadas por um duplo sentido – *fonêmica* ou *fonemática*, e acabou optando pela forma mais simples.

³ V. edição de F. Briguiet, Rio de Janeiro, que traz na capa a data de 1942.

4. Nos anos posteriores

Por tudo isto, depois de concluído esse primeiro período de contato com Matoso Câmara, nunca mais deixei de dar atenção ao que ele fazia. Vi bem que, sempre procurando mostrar-se atualizado, o Mestre, em artigos de jornais e revistas de que era colaborador constante, dava notícia dos seus avanços no campo da teoria da linguagem e da lingüística aplicada ao ensino de línguas. Com o passar dos anos, na Livraria Acadêmica, nosso ponto de encontro habitual, Matoso fazia questão de oferecer a mim e a outros discípulos, com dedicatórias sóbrias mas marcadas de funda afetividade, as novas edições dos *Princípios* (a 2ª, de 1954, a 3ª, de 1959 e a 4ª, de 1964), porque tinha certeza de que acompanhávamos com o maior interesse a evolução do seu pensamento lingüístico.

5. Dois períodos distintos na vida universitária

Na sua carreira de professor da Faculdade Nacional de Filosofia pude perceber ao longo dos anos que Matoso Câmara conquistou desde logo extraordinário prestígio pela atuação em sala de aula e com a publicação de livros e artigos em que ficava patente a relevância dos ensinamentos que ministrava em atividade docente do mais alto significado.

Acolhido na Faculdade como único docente de disciplina autônoma, na categoria de professor adjunto, atendeu com simplicidade a todos os requisitos para chegar com o passar do tempo à posição de professor catedrático, na regência da mesma disciplina que ele lecionara em 1938 na antiga Universidade do Distrito Federal. Todavia, nunca teve condições efetivas para que seu justo anseio se realizasse. Muito acatado por colegas de magistério, de diferentes áreas do conhecimento, que o reconheciam como figura singular, e gozando de permanente prestígio entre os alunos, que o fizeram Parainfo de várias turmas, de nada lhe valeram os títulos de doutor e de livre-docente obtidos em memoráveis provas públicas e o apreço de colegas do magistério como Sousa da Silveira, que desde os tempos da UDF sempre lhe dera todo o apoio, patrocinara a primeira publicação das suas lições de Lingüística nas páginas da *Revista de Cultura* do Padre Tomás Fontes e prefaciara a edição de 1941 dos *Princípios de Lingüística Geral*.

Depois dos anos tranqüilos em que se firmou o seu renome, vieram os tropeços que tanto perturbariam a sua caminhada. Surgiram principalmente em 1952 como decorrência dos sérios desentendimentos com o principal dirigente do setor de Letras da Faculdade, a partir das provas públicas a que Matoso se submeteu para a obtenção do título de livre-docente em Língua Portuguesa. Passou a ser tratado pelos seus desafetos na Faculdade, em momento sombrio

da história da instituição que contrastava com o esplendor da década de 40, como um concorrente indesejável a posto de maior relevo no quadro docente. Por isso, não permitiram que tivesse o natural desfecho da aprovação a proposta da criação da cadeira de Lingüística Geral no Curso de Letras, que fora apresentada no ano anterior.

Neste meu depoimento, não posso deixar de dizer, contrariando o que tem sido afirmado erroneamente, que não houve aí nenhuma conspiração de filólogos contra o lingüista para impedir que se desse o merecido relevo à Lingüística no ensino universitário. Sousa da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa da Faculdade, o mais acatado filólogo daquela época, e os seus discípulos, entre os quais Gládstone Chaves de Melo, Serafim da Silva Neto e outros, sempre tiveram na mais alta conta a atuação de Matoso Câmara como professor de teoria da linguagem.⁴ Outra grande figura do corpo docente da instituição, o Professor Thiers Martins Moreira, catedrático de Literatura Portuguesa e de marcante atuação na administração da Faculdade, demonstrara ao lingüista idêntico apreço ao chamá-lo para participar do Congresso Nacional de Língua Vernácula e para realizar o projeto do *Dicionário de Fatos Gramaticais*, sob as suas vistas como Diretor que também era do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa. Por conseguinte, as mesquinhas que atingiram Matoso Câmara, de 1952 em diante, entre as quais as que impossibilitaram o reconhecimento da Lingüística Geral como cátedra, a criação de obstáculos para impedi-lo de concorrer em igualdade de condições ao concurso para o preenchimento do cargo de titular de Língua Portuguesa, e mais ainda a humilhação de submetê-lo a exigências descabidas a que não podia opor-se, pela condição subalterna a que fora relegado no quadro docente, tudo isto se explica como represálias de caráter pessoal que se seguiram aos seus sérios desentendimentos com o mais influente e poderoso dirigente do Curso de Letras naqueles anos.

Cartas a amigos particulares, em que teve oportunidade de expandir as suas mágoas e frustrações, deixam bem claro quão profundamente Mattoso sentiu o descaso e a hostilidade com que foi tratado pela alta direção da Faculdade. Idênticos dissabores sofrera o Professor Sousa da Silveira em 1952, às vésperas da sua aposentadoria no serviço público, acintosamente impedido pelo mesmo chefe do Departamento de Letras, apesar de catedrático de Língua Portuguesa, de integrar a banca examinadora das provas de habilitação à livre-docência naquele setor, o que motivaria as seguintes palavras de protesto do próprio Matoso Câmara, um dos inscritos nas referidas provas:

⁴ Cf. o que está comprovado no artigo “Sousa da Silveira e Mattoso Câmara Júnior: Filologia e Lingüística em perfeita sintonia”, que publiquei no número 27-28 da revista *Confluência*, ano de 2004, p. 49-63.

Aproveito o ensejo para lastimar que o Sr. não figure como examinador para a Livre-Docência em Língua Portuguesa, a que me candidatei este ano na Faculdade Nacional de Filosofia. Nunca esquecerei a sua argüição objetiva, serena e percuciente na Banca Examinadora da minha tese para o Doutorado em Letras Clássicas e o senso crítico com que apreciou a nova doutrina fonêmica e a minha tentativa para aplicá-la ao português do Brasil. Acresce que eu gostaria de vê-lo sempre entrosado no progresso da minha carreira de professor universitário, a qual se iniciou no momento em que o Sr. e o Ernesto Faria me indicaram para professor adjunto de Lingüística na antiga Universidade do Distrito Federal em 1937.⁵

6. Relações do lingüista com os seus discípulos

Professor com extraordinária capacidade de se comunicar com os alunos, apesar de uma ou outra aspereza do seu temperamento, capaz de manifestar atitudes de vivo interesse pelo destino dos que realmente desejavam firmar-se na vida do magistério, ele nos distinguia sempre com atenções especiais, como as já mencionadas de oferecer-nos os seus livros e separatas de artigos, novos ou reeditados, ou de chamar-nos a participar dos seus projetos culturais.

Entre os discípulos que por motivos diversos mereceram as suas atenções de quem estava permanentemente interessado em tomar conhecimento dos progressos que faziam, figuram vários participantes deste Colóquio, como Rosalvo do Valle, Maximiano de Carvalho e Silva, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Adriano da Gama Kury, Walmírio Macedo, José Pereira de Andrade, ex-alunos na FNF, e Leodegário Amarante de Azevedo Filho e Evanildo Bechara, da UERJ. À figura de Matoso Câmara estão também estreitamente ligados dois outros participantes do Colóquio, Luiz Martins Monteiro de Barros e Nilda Santos Cabral, que na fase de iniciação nos estudos de Lingüística Geral foram leitores atentos das suas obras principais.

É traço que deve ser realçado a preocupação do grande Mestre, até os últimos anos de vida, de se cercar de bons colaboradores, dispostos a valorizar o estudo e ensino da ciência da linguagem. No encontro de lingüistas realizado na cidade de Recife em 1968, do qual resultaria a criação da Associação Brasileira de Lingüistas (ABRALIN), cuja presidência lhe foi confiada, tendo tido oportunidade de conhecer Luiz Martins Monteiro de Barros, que iniciava a carreira universitária como assistente de Lingüística do professor Carlos Eduardo

⁵ Trecho de uma carta de Matoso Câmara que se conservava em poder dos herdeiros do filólogo, transcrito em meu livro *Sousa da Silveira / O Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil*, Rio de Janeiro, Presença, 1983, p. 74.

Falcão Uchôa na Universidade Federal Fluminense, e certamente impressionado pelas referências que tivera do jovem professor, convidou-o para trabalhar com ele na Universidade de Santa Úrsula, o que todavia não se efetivou por dificuldades de conciliação dos interesses em jogo.

Rosalvo do Valle, eu e Uchôa fomos os três discípulos que tiveram maior contato com Matoso nos tempos iniciais da FNF, razão pela qual formamos esta mesa do I Colóquio para tratar em extensão da vida e obra do nosso homenageado. Ligado a estes três ex-alunos por circunstâncias especiais, Matoso sempre os fez alvos de atenções particulares, buscando até mesmo incorporá-los ao pequeno grupo dos seus colaboradores em atividades sob a sua direção.

De Rosalvo do Valle fez colaborador na elaboração do *Dicionário de Fatos Gramaticais*, editado pela Casa de Rui Barbosa. Rosalvo, aliás, foi mais do que um colaborador: um autor ou co-autor de vários verbetes do dicionário, por estar mais familiarizado com os estudos clássicos e os estudos de Linguística Portuguesa diacrônica, como acentuou o próprio Matoso Câmara no prefácio da primeira edição do livro.⁶

A mim me distingui com dois convites, que não pude aceitar, para trabalhar com ele em turmas de Português do ensino secundário, no Colégio Andrews, e me distingui ainda como autor de uma estimulante recensão crítica da minha edição das *Dificuldades da Língua Portuguesa*, publicada em 1957 pela Livraria Acadêmica.⁷

A Carlos Eduardo Falcão Uchôa, ex-aluno, de turma bem posterior, já na década de cinquenta, confiou Matoso Câmara os encargos de seu assistente nos cursos de Letras da Faculdade, ciente das aptidões especiais do mesmo para os estudos de teoria da linguagem e da sua comprovada capacidade didática.

Ligado por circunstâncias especiais a esses três ex-alunos – Rosalvo, Maximiano e Uchôa – Matoso distinguiu-nos mais ainda com as cartas que nos enviou dos Estados Unidos e de outros países, para dar notícias do que fazia no estrangeiro, e para saber das atividades que desenvolvíamos no Brasil.

⁶ O *Dicionário* teve duas outras edições em vida do autor, mas com o título modificado: *Dicionário de Filologia e Gramática*. A editora Vozes reeditou póstumamente o livro, mas lamentavelmente com uma nova alteração do título, que passou a ser *Dicionário de Linguística e Filologia*, e com acréscimo de verbetes no final do volume, sobre gramática gerativa, elaborados por Francisco Gomes de Matos, os quais na verdade aí figuram como corpo estranho em relação ao plano original do *Dicionário*.

⁷ Esta quinta edição do livro foi o meu primeiro trabalho de índole filológica, de restituição do texto de Saïd Ali ao que se lê na terceira edição, de 1930, a última revista pelo autor, conforme a orientação do Professor Serafim da Silva Neto, que para ela escreveu um prefácio especial.

Merece publicação à parte a correspondência de Matoso Câmara com os seus discípulos, para que se tenha idéia de como ele, tão sóbrio nas suas expansões de afetividade, era no fundo um sentimental que muito apreciava a aproximação com a gente mais jovem. Das suas cartas a Carlos Eduardo Falcão Uchôa algumas já tiveram a merecida publicação.

Entre os preciosos escritos que dele conservo há uma carta de Lisboa, de 9 de outubro de 1962, que não resisto ao desejo de divulgar parcialmente neste depoimento aos que me ouvem com toda a atenção:

Praça de Londres, 11, R. C. E.

Lisboa, Portugal. 9-X-62

Prezado amigo Max:

Suponho que V. e os demais amigos têm acompanhado as minhas andanças pela informação da Acadêmica, com que tenho estado em contacto e sempre mandando lembranças aos “habitués” da casa, entre os quais V. é figura indefectível. Desde 2 de setembro estou em Lisboa, de volta dos U.S.A., onde dei um curso de verão na Universidade de Washington, Seattle, visitei a Universidade de Oklahoma, onde fiz duas conferências, e participei do Nono Congresso Internacional de Lingüistas em Boston, o que em verdade é muita coisa para um pobre professor regente da nossa egrégia Faculdade Nacional de Filosofia. V. não pode imaginar como me foi útil a bela pasta de couro que V. e o Rosalvo e o Uchôa me deram; permitiu-me escrever súmulas detalhadas do curso sobre História da Lingüística e mantê-las comodamente reunidas através da viagem. Em Seattle, um aluno dactilografou-as e mimeografou-as e elas se espalharam despertando certo interesse, de tal maneira que em Boston recebi um convite do Thomas Sebeok, professor da Universidade de Indiana, para publicá-las pela Editora da Universidade, o que já foi combinado⁸. Estou preparando, por outro lado, uma tradução portuguesa que pensei publicar pela Acadêmica, embora o Alberto não me tenha dado resposta à proposta que lhe fiz nesse sentido, além de outras propostas, o que me causou estranheza. Outra boa notícia foi o pedido pela casa Mouton & Co. para traduzir e publicar em inglês os meus *Princípios de Lingüística*, que tive o prazer de verificar que

⁸ Na visita que os participantes deste Colóquio fizeram à Universidade Católica de Petrópolis, para conhecer o acervo de livros, revistas e documentos que pertenceram a Matoso Câmara, sob a guarda da instituição, tivemos Rosalvo do Vale, eu e Carlos Eduardo Uchôa a emoção de encontrar a pasta que lhe oferecemos e de folhear os textos que Mattoso nelas guardou cuidadosamente.

são bastante conhecidos [nos] U.S.A. Digo-lhe tudo isso porque sei como V. é realmente amigo e gostará de saber que tudo me corre bem.

.....
 Dê saudades minhas a todos e para V., com cumprimentos à Senhora, um cordial e sincero abraço.

Mattoso Câmara.

Vê-se pois que por muitas e fundadas razões Matoso conquistou o nosso respeito e a nossa profunda admiração, de tal modo que, discípulos reconhecidos e fiéis, nunca nos esquecemos de exaltar o seu valor em nossas atividades docentes.

De fato, foi para nós uma verdadeira obsessão no exercício do magistério de língua portuguesa saber o que dizia o grande lingüista nos seus novos trabalhos. Menciono aqui como dos livros que mais consultei para a preparação das minhas aulas o *Dicionário de Fatos Gramaticais*⁹ e aqueles da série didática que compôs em parceria com o Professor Carlos Henrique da Rocha Lima.

De modo particular, não posso deixar de mencionar que, tão logo comecei a trabalhar a convite de Rosalvo na antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, tivemos imenso prazer de vê-lo um dia diante dos nossos alunos, atendendo a um programa da nossa cadeira de Língua Portuguesa, para receber as devidas homenagens e proferir em data especial o elogio da obra do sábio José Leite de Vasconcelos, como consta do resumo de uma página que deixou em nossas mãos. Para favorecer o acompanhamento da palestra, Matoso levou-nos esse resumo datilografado, com acréscimos do próprio punho no exemplar que deixou em minhas mãos e hoje está conservado em meu arquivo particular. O texto que se reproduz em seguida é prova do imenso apreço do lingüista à figura de Leite de Vasconcelos, a que estava ligado por tantas afinidades, entre elas a exata compreensão do entrelaçamento dos estudos e pesquisas etnológicos e lingüísticos. Ei-lo, na íntegra com indicações abreviadas que não completou:

LEITE DE VASCONCELOS E A ETNOLOGIA PORTUGUESA

Leite de Vasconcelos pertence a uma brilhante equipe que constituiu a época áurea da Filologia Portuguesa: Gonçalves Viana, Carolina Michaëlis, Vasconcelos de Abreu e mais moço J. J. Nunes; Cândido de Figueiredo foi um sub-produto. Todos entretanto foram especialistas; só Leite de Vasconcelos teve uma visão lata da Filologia. Ultrapassou até a Filologia e foi etnólogo. É justiça recordar que nisto foi precedido por Adolfo Coelho, que considera seu mestre no sentido espiritual.

⁹ Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1958.

Não é um prejuízo essa ampliação de campo. Os estudos lingüísticos só ganham a devida profundidade quando se alargam para o âmbito da Etnologia. A língua é uma faceta da cultura e como tal deve ser tratada. Mais do que isso, é o meio por que a cultura se comunica e transmite; reflete toda a cultura, é um microcosmos dela. Foi o que tão bem estabeleceu Humboldt e modernamente Weisgerber e Benjamin Lee Whorf. O exemplo norte-americano, onde o lingüista é doublé de etnólogo e se criou a Etnolingüística.

No tempo de Leite de Vasconcelos havia uma escola filológica preocupada com Etnologia: a das *Wörter und Sachen* (Meringer). Mas só cogitava da cultura material. Leite de Vasconcelos ultrapassou-a pois encarou a cultura espiritual também, numa Etnologia *lato sensu*.

A sua Etnologia foi essencialmente nacional e patriótica. A escola filológica portuguesa de seu tempo o era antes de tudo; continuava a tradição romântica e fazia na Filologia o que o Romantismo fizera na literatura (Garrett) e na história (Herculano). Ora, para Portugal a nota nacionalista reporta-se precipuamente ao passado, à tradição da grandeza pretérita. Mas não se limita a evocar essa grandeza pretérita: esquadrinha as suas origens e releva os vestígios do passado no presente. É neste duplo eixo que se desenvolve a atividade etnológica de Leite de Vasconcelos.

Recapitulação de sua obra etnológica: o Museu Etnológico, as Revistas, os *Opúsculos* e as duas obras de fôlego: *As Religiões da Lusitânia*; *Etnografia portuguesa*. Estas duas obras visavam àquele duplo objetivo; suas próprias palavras.

Plano de *As Religiões da Lusitânia*.

Plano da *Etnografia Portuguesa*. O que aí realizou nos 3 volumes da obra. Método de trabalho em suas próprias palavras. Os excursos etimológicos; as etimologias toponímicas; ex.: Casconha, Gafanha, Algarve, Tejo. O estudo sobre os saloios. Os termos populacionais; *fazenda* e *sítio*, interesse desse estudo para nós.

Alguns temas etnológicos abordados pelo Mestre. A fíg. Os amuletos. A medicina popular e as superstições. Suas palavras a respeito destas. As ligações com os topônimos e os antropônimos, que constituem uma obra à parte do Mestre.

Considerações finais. Como Leite de Vasconcelos entendia a Etnologia; seu quadro. Suas limitações. Apreciação final: mais um coletor extraordinariamente lúcido, metódico e erudito, do que um

etnólogo no sentido amplo do termo. Comparação com Mendes Correia. O seu exemplo para a Filologia no Brasil.

Faculdade Fluminense de Filosofia, 17 de outubro de 1958.

J. Mattoso Câmara Jr.

Anos mais tarde, quando em 1969, como Chefe do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, em Niterói, tomei a iniciativa da criação do nosso Curso de Mestrado em Língua Portuguesa, incluí o nome de Joaquim Matoso Câmara Júnior na relação anexada ao ofício que enviei para exame e aprovação à Comissão Executiva de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade, como um dos poucos professores a serem convidados para compor o corpo docente regular do curso a ser criado. Infelizmente, antes de deferida a nossa pretensão, o grande autor dos *Princípios de Lingüística Geral* veio a falecer, no dia 3 de fevereiro de 1970, o que nos privou da imensa alegria de o ter conosco na fase da implantação da pós-graduação em nosso Instituto de Letras.

Já foi lembrado também, pela Professora Nilda Cabral, que, sendo eu professor e orientador dos pesquisadores de Crítica Textual no Instituto de Letras, sabendo da existência de várias versões dos *Princípios de Lingüística Geral*, e desejoso de comprovar que também os textos de outra natureza, e não apenas os literários, deveriam ser objeto de comparações para o estudo da evolução do pensamento do autor, incluí na relação dos projetos de pesquisa a serem realizados o de uma edição crítica e comentada da obra pioneira de Matoso Câmara, encarregando a referida professora de ser a principal executora do mesmo. As circunstâncias especiais em que vivíamos não permitiram a consecução desse projeto. Todavia, com muita obstinação, passados alguns anos, Nilda Cabral o retomou por conta própria, como tema da tese para obter o título de Doutora em Crítica Textual na Universidade de São Paulo. Acabamos de ouvir, no início da sessão anterior deste Colóquio, a bela exposição que ela nos fez dos propósitos do seu plano de trabalho, cuja realização constitui uma das mais expressivas homenagens ao labor do lingüista que aqui está sendo reverenciado pelos seus relevantes serviços à cultura brasileira.

A Professora Nilda Cabral, que desde algum tempo tem a seu cargo organizar e dirigir os planos de trabalho da disciplina de Crítica Textual no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, depois de obter o título de Doutora em Filologia pela Universidade de São Paulo, com a tese intitulada *Edição Crítica de Textos Científicos: Proposta de Edição Crítica de "Princípios de Lingüística Geral" de Mattoso Câmara Júnior* (São Paulo, 1998), está completando a sua pesquisa, tendo em mira demonstrar que, através da fixação rigorosa das variantes das cinco versões cotejadas (1939-1940 / 1941 / 1954 / 1959 / 1964), se poderá fazer com segurança o estudo da evolução do pensa-

mento lingüístico do autor em foco, e colher elementos para analisar a sua contribuição como introdutor de novos conceitos e de novos termos na nomenclatura lingüística e gramatical brasileira.

Termino aqui o depoimento que me senti no dever de prestar, para acrescentar novos dados ao que já existe de mais importante para a mais ampla visão da vida e obra de Joaquim Matoso Câmara Júnior, uma das mais notáveis figuras da vida cultural brasileira e exemplo do que deve ser um verdadeiro professor.